

CRASSON, Aurèle. Arquivos de manuscritos literários: a contribuição do digital para a edição e a pesquisa científica. In: ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra et al (Org.). *Processo de criação interartes: cinema, teatro e edições eletrônicas*. Tradução de Sandra Corrêa, Sílvia Anastácio e Takiko do Nascimento. Vinhedo: Editora Horizonte, 2014. p. 191-197.

191	[...] o que pode trazer hoje o digital para a edição de manuscritos de escritores para o estudo da gênese das obras literárias.
191	A edição genética de textos tem encontrado no meio digital uma alternativa para a edição impressa, já que ela permite passar a uma outra escala de documentação.
191	As vantagens da tecnologia têm se destacado de forma tão efetiva, que se constata um declínio do próprio projeto editorial: editar imagens de manuscritos, conectá-las com suas respectivas transcrições e as interpretações críticas com o objetivo de realizar um trabalho coerente.
191	Assumir o hipertexto não apenas como uma tecnologia computacional, mas também como uma construção intelectual que compõe a estrutura da edição genética pode parecer simples, mas ainda é um desafio.
	Do objeto palpável à sua transposição material
192	[...] todo documento criado nele [meio digital] é potencialmente a origem ou a sequência de um outro.
192	[...] na hora em que os projetos de edições eletrônicas genéticas se multiplicam, é incrível que tão poucos documentos obedeçam às recomendações dos critérios a serem adotados.
192	É forçoso constatar que nenhuma das linguagens de balizamento, por mais avançadas que sejam – a exemplo do <i>Text Encoding Initiative (TEI)</i> -, ou que nenhum dos softwares do mercado, geralmente inapropriados ou que se tornam rapidamente obsoletos, estejam aptos a responder todas as especificidades de um prototexto.
192	[...] o suporte material, o texto e o seu lugar de ancoragem na página, o grafismo e sua função de suporte da escritura, constituem ‘informações’ do ponto de vista digital.
	Sistema semiótico
192	São unidades de informação que devem ser documentadas com precisão e que permitam sua comunicação pelo computador, possibilitando àqueles que a manipulam fazer uma edição e utilizá-las para qualquer forma de representação.
192	[...] as primeiras edições se desenvolveram a partir de editores de processamento de textos HTML, de bases de dados ou softwares de tratamento de imagens, buscando ‘reproduzir’ a aparência dos manuscritos impressos, ou registrar ocorrências ou ainda redistribuir dados segundo a lógica particular de cada uma dessas etapas de trabalho, os progressos informáticos permitem, hoje, muitas outras operações.
192	Uma vez que os documentos são transformados em informações, todas as possibilidades de cálculo e de processamentos digitais tornam-se viáveis, relegando o fac-símile a apenas uma das muitas representações possíveis do prototexto.
192	Um manuscrito é visto geralmente como o suporte de trabalho do escritor. Para o geneticista, sem sombra de dúvida e em primeiro lugar, são os dados textuais que chamam a atenção.
193	[...] para o semiótico, qualquer elemento tem o seu próprio sentido (linhas, manchas, desenhos, gráficos, enfim, a própria escrita). Para outros, será a imagem reenviada ou este ‘todo’ que constitui uma obra. Trata-se ao mesmo tempo de traços carregados de sentidos e de imagens, que remetem à ‘fábrica’ do escritor.
193	Reduzir um manuscrito a um texto ou a uma imagem é excluir a dimensão cronológica inerente a esse suporte, que já existe no suporte fólio.
193	A característica fundamental do manuscrito não é ser apenas um documento híbrido no qual há escriptografias e imagens; reside muito mais em sua dimensão duplamente temporal, contida na linearidade do texto e na cronologia de sua escrita.
193	[...] a correção (processo de revisão) está fortemente ligada à sequencialidade do texto (processo de

	produção).
193	Para o geneticista, essa característica [...] tem sido alvo de numerosas hipóteses interpretativas quanto ao estabelecimento da cronologia do manuscrito. Esta multiplicidade dificulta reconstituir o manuscrito à sua origem, mas o processamento informático é justamente capaz de representá-lo sob a forma de sequências hipotéticas (construção lógica ponto a ponto).
193	Uma edição eletrônica de gênese seria assim um conjunto de documentos cuja descrição e anotação permitem criar ‘representações’ de um prototexto impossíveis de serem materializadas de outra forma que não a digital [...]
193	O resultado se constitui em imagens descritas vetorialmente, em transcrições textuais enriquecidas por uma base de dados em relações entre estes recursos que servem para descrever a articulação entre informações de natureza diversa.
193	O que o leitor descobre são interfaces (visões que se desencadeiam pela ação do mouse ou do teclado), capazes de interpretar tais relações, de forma a tornar transparente a sua estrutura.
	Estrutura
194	A edição [...] digitalizada permite elaborar tantas outras a partir dos mesmos recursos. São a organização dos níveis de tratamento e a circulação dentro dessa rede de informações que determinam o tipo de edição digital.
194	É também o que funda o hipertexto, que se define como produto de uma construção intelectual, ora como uma tecnologia que permite a interação de vários recursos e a reconstituição de tantos percursos possíveis.
194	O que constitui a estrutura de uma edição de gênese? Um tipo de trama na qual se disponibilizam os marcos facilitadores que dão acesso à informação, às interconexões e às trocas que foram sendo feitas ao longo do caminho.
194	Às vezes, diz-se que o próprio prototexto é um hipertexto. Ele é composto, intrinsecamente, por objetos heteróclitos tangíveis – ou interpretados.
194	O papel do geneticista é fazer emergir este hipertexto [...] atualizando relações que, por sua vez, sugerem percursos (cronológicos, de hipóteses de interpretação etc.).
194	[...] a digitalização de um documento se justifica por tornar a sua consulta mais acessível, facilitando o trabalho com o mesmo. A edição eletrônica se apresenta como um processo estrutural que tende, cada vez mais, a atingir diferentes níveis de abstração. Estes níveis remetem à imagem (fac-símile digitalizado), à sua dissociação em elementos escriptográficos, textuais e topográficos.
194	Organizar um manuscrito implica tomadas de posição.
194	Estas unidades visuais [...] constituem uma possível base estrutural para se fazer uma edição. Elas permitem, por exemplo, levantar a cartografia temporal do manuscrito pela relação entre as zonas gráficas e seu conteúdo semântico.
194-195	Um projeto que implica o fechamento de um modelo em si mesmo não permite que os seus elementos se articulem entre si, pois exclui todas as possibilidades inesperadas.
195	As edições genéticas digitalizadas atuais podem padecer desses mesmos modelos fixos, o que contraria a tecnologia digital e ao próprio princípio da gênese, que não é mais do que uma interpretação aberta a tantas outras dentro de uma tessitura quase orgânica.
195	Mesmo que a tecnologia permita a justaposição de toda sorte de informações, o fato de se separarem as interfaces de construção da gênese [...] deveria incitar o editor a se libertar de qualquer modelo restritivo permitindo ao leitor a possibilidade de reconstituir um espaço complexo em função de suas próprias hipóteses.
	Codificação
195	Cada pesquisador é levado a criar seus próprios conceitos e gostaria que fossem codificados pelo computador para que possa fazer consultas a partir de critérios selecionados.
195	Quanto mais detalhadas forem as informações específicas dadas sobre determinado manuscrito, mais fechado ele se tornará em sua complexidade.
195	[...] para falar de adições e supressões uma palavra riscada é uma escrita sobre a qual vem se sobrepor um traço gráfico que, de comum acordo, chamamos de ‘rasura’, ‘riscado’, ‘supressão’ [...]. Todos concordam que esse traço gráfico é uma marca de eliminação, de uma supressão

	provocada ou não por um arrependimento. Da mesma maneira, o que se pode dizer de um acréscimo [...]
196	Essas duas operações, que parecem evidentes quando olhamos para o processo cronológico e para a escritura de um manuscrito, são, na realidade, conceitos <i>universais</i> extremamente difíceis de descrever.
196	O processo decisório para delimitar o que é uma substituição [...] se situa em um nível superior e é dificilmente codificado sem argumentação crítica.
196	Se finalmente poucos conceitos são identificados como dificilmente codificados [...] a TEI, responsável por descrever essas operações, possibilita que se produza um documento compreensível, transmissível e, antes de tudo, compartilhável entre a comunidade de pesquisadores.
196	Ainda falta conceber os algoritmos que permitirão a integração das entidades escriptográficas com a imagem, em termos do levantamento de ‘traços’ textuais ou gráficos (linhas de textos), de reconhecimento (mapeamento) das regiões e de indexação global.
197	[...] importante [...] o aprofundamento do trabalho da concepção global de uma edição que autorizará diferentes níveis de acesso à informação, ou seja: que vai permitir aos leitores de uma obra descobrir o seu processo criativo, permitindo também aos eruditos anotar e contribuir para a criação de intercâmbios entre o estatuto de arquivo e o estatuto original do manuscrito enquanto uma obra em devir.
197	A digitalização é, por sua tecnologia, mais pertinente a esse tipo de edição pois não se precisa refazer um elemento a cada nova interferência.
197	Deveríamos considerar uma edição genética como ‘uma plataforma de registros de trabalhos de pesquisa’, cuja forma se define pela atualização dos movimentos da revisão, de enriquecimento, de hibridação, de hiperconexões com outros documentos ou produções críticas.
197	[...] elaborar tal tipo de edição obriga, em todo caso, a nos interrogarmos quanto às mudanças de estatuto, que a transposição do manuscrito para um suporte imaterial implica e transformando radicalmente nossas abordagens.

RESENHA

Em “Arquivos de manuscritos literários: a contribuição do digital para a edição e a pesquisa científica”, Crasson busca mostrar o quanto o meio digital tende a contribuir para uma edição genética. Dessa forma, o artigo aponta para possíveis novas abordagens dentro dos conceitos da crítica genética, para que essa nova edição genética que se configura num meio diferente possa ser aproveitada de acordo as características próprias desse novo meio, sem modelos fixos. Considerando que o meio digital nos permite pensar no processo de criação de uma forma diferente, não só a partir do hipertexto, mas também pela possibilidade de abertura para qualquer pessoa que tiver ter acesso a manuscritos, de percorrer seu próprio caminho, o artigo de Crasson é esclarecedor.

Saryne Cruz

Mestranda do PPGLitCult da UFBA